



88042055

PORTUGUESE A2 – STANDARD LEVEL – PAPER 1
PORTUGAIS A2 – NIVEAU MOYEN – ÉPREUVE 1
PORTUGUÉS A2 – NIVEL MEDIO – PRUEBA 1

Tuesday 16 November 2004 (afternoon)

Mardi 16 novembre 2004 (après-midi)

Martes 16 de noviembre de 2004 (tarde)

1 hour 30 minutes / 1 heure 30 minutes / 1 hora 30 minutos

INSTRUCTIONS TO CANDIDATES

- Do not open this examination paper until instructed to do so.
- Section A consists of two passages for comparative commentary.
- Section B consists of two passages for comparative commentary.
- Choose either Section A or Section B. Write one comparative commentary.
- It is not compulsory for you to respond directly to the guiding questions provided. However, you may use them if you wish.

INSTRUCTIONS DESTINÉES AUX CANDIDATS

- N'ouvrez pas cette épreuve avant d'y être autorisé(e).
- La section A comporte deux passages à commenter.
- La section B comporte deux passages à commenter.
- Choisissez soit la section A, soit la section B. Écrivez un commentaire comparatif.
- Vous n'êtes pas obligé(e) de répondre directement aux questions d'orientation fournies. Vous pouvez toutefois les utiliser si vous le souhaitez.

INSTRUCCIONES PARA LOS ALUMNOS

- No abra esta prueba hasta que se lo autoricen.
- En la Sección A hay dos fragmentos para comentar.
- En la Sección B hay dos fragmentos para comentar.
- Elija la Sección A o la Sección B. Escriba un comentario comparativo.
- No es obligatorio responder directamente a las preguntas de orientación que se incluyen, pero puede utilizarlas si lo desea.

Escolha a Secção A **ou** a Secção B.

SECÇÃO A

Analise e compare os dois seguintes textos.

Aponte as semelhanças e diferenças entre os textos e o(s) seu(s) respectivo(s) tema(s). Inclua comentários à forma como os autores utilizam elementos tais como a estrutura, o tom, as imagens e outros artifícios estilísticos para comunicar os seus propósitos. Não é obrigatório responder directamente às perguntas orientadoras que são facultadas. No entanto, pode usá-las como um ponto de partida para elaborar o seu comentário comparativo.

Texto 1 (a)

Viagens mais fáceis

Montar o próprio roteiro está mais simples com a quantidade de informações detalhadas na Internet, em guias, mapas e revistas.

5 Viajar está cada dia mais fácil. Pelo menos em termos de informação disponível. Se dólares, euros e libras continuam salgados para o bolso dos brasileiros, há cada vez mais revistas, sites, guias e programas de televisão para atizar a imaginação – e ajudar a poupar preciosos reais na viagem. O sistema de busca Yahoo! Lista na Internet 68 milhões de sites sobre viagens, seis vezes mais que os que tratam de drogas (11 milhões) e quase dez vezes mais do que os que falam sobre rock'n roll (7 milhões). São tantas fontes de informação disponíveis que, mesmo um viajante
10 inexperiente, pode acertar o próprio roteiro em poucas horas.

A internet facilitou a missão de quem gosta de montar a sua viagem, passo a passo. Com alguns cliques é possível comprar passagens de avião e trem, agendar hotéis, alugar um carro e até definir o melhor dia para visitar um museu, por exemplo. Mas é preciso atenção redobrada para não cair em ciladas. Muitas vezes, as imagens divulgadas não reproduzem fielmente o que o
15 turista encontrará no local, principalmente no caso dos hotéis. A suite espaçosa e bem decorada da foto pode não ser aquela onde você ficará hospedado. Para evitar esse problema, muitos assistem, até decorá-los, aos programas turísticos da TV – que servem para dar uma idéia mais realista do que é oferecido.

Independência e planejamento são palavras-chave para quem organiza o próprio roteiro.

Renata Real, *Revista Veja*, 10 de fevereiro de 2003 (adapt.) Brasil

Texto 1 (b)**O Navegante**

	Meu nome é Gonçalo Mendes quem ouviu falar de mim? Já li mapas, já li estrelas sem saber grego ou latim.		Pelas marés embalado chamei ao mar meu irmão e ali mesmo à beira Tejo vi partir Diogo Cão.
5	Já vi ilhas e vi mares também fui descobridor e passei com Gil Eanes ¹ para além do Bojador ² .		Conheci índios e negros brâmanes ⁴ e mandarins outros reis e divindades lá na terra dos confins.
10	Nos porões das caravelas trouxe ouro, especiarias dos lugares onde aportei não voltei de mãos vazias.	25	Pelas ruas de Lisboa vi gente de muitas raças vi escravos e mercadores nas vielas e nas praças.
15	Nasci no Bairro de Alfama comi no Mal Cozinhado ³ busquei riqueza e fama fui grumete e fui soldado.	30	Trouxe comigo ervas raras que nos podem dar a cura mas do que não me curei foi da sede de aventura.

José Jorge Letria, *Rua dos navegantes*, Música e versão
cantada por Carlos Alberto Moniz (1987) Portugal

¹ Gil Eanes – navegador português que, em 1434, dobrou o Cabo Bojador, em África

² Bojador – cabo da Costa Ocidental de África que durante muitos anos foi o limite das navegações portuguesas

³ Mal Cozinhado – nome de uma taberna em Lisboa, do século XVI, que era frequentada pelo poeta Camões

⁴ brâmanes – sacerdotes da religião Hindu, da Índia

- De que diferentes maneiras é apresentado o conceito de viagem nestes dois textos?
- Comente a diferença entre fazer turismo e viajar para explorar.
- Analise as funções da linguagem nos dois textos.

SECÇÃO B

Analise e compare os dois textos seguintes.

Aponte as semelhanças e diferenças entre os textos e o(s) seu(s) respectivo(s) tema(s). Inclua comentários à forma como os autores utilizam elementos tais como a estrutura, o tom, as imagens e outros artifícios estilísticos para comunicar os seus propósitos. Não é obrigatório responder directamente às perguntas orientadoras que são facultadas. No entanto, pode usá-las como um ponto de partida para elaborar o seu comentário comparativo.

Texto 2 (a)

Durante toda a minha vida, o que sempre me moveu foi o medo. Tudo o que fiz, fiz por medo. Toda a coragem que havia nos meus atos não passava de covardia. As pessoas que me conheciam julgavam-me ousada, louca, imprevisível. Não percebiam que toda a minha ousadia era apenas uma forma de viver o medo.

5 Quando criança eu tinha sempre o mesmo sonho: saía para um jardim. Era madrugada, todos dormiam. A casa era marcada pelos anos, os sulcos nas paredes contavam toda sua história, como as rugas no rosto de uma mulher. Eu olhava a relva esbranquiçada pela luz das primeiras horas e tinha um desejo irresistível de pisar aquele tapete úmido, cheio de vida. Ficava muito tempo de nariz colado na vidraça da porta. Meu sopro se desmanchava contra o vidro.

10 Havia algo de sagrado no jardim semi-adormecido. As pedras ocultavam algo que não tinha nome, que minhas mãos tocavam, mas não conseguiam apreender. Eu abria a porta, olhava em volta e respirava profundamente, com um temor reverencioso. Saía descalça, meus pés se contraíam no contato do mármore frio. Quando, finalmente, descia as escadas e mergulhava os pés na grama molhada, a sensação era indescritível.

15 Eu fazia tudo escondido porque um gigante mau era o dono do jardim. Ouvia, às vezes, o eco da sua voz retumbante e me ocultava entre as plantas. Eu o temia e, ao mesmo tempo, o desejava. Esperava, às vezes, até o anoitecer, quando minha mãe tinha alguns instantes livres para nós duas. Então ela me chamava, com sua voz triste.

Eu tinha medo, mas era o medo que me fazia livre.

Guiomar de Grammont, *Fuga em Espelhos* (2000) Brasil

Texto 2 (b)

O que é o medo?

Primeiro, fui ver ao dicionário. Tinha que olhar para dentro do medo, descobrir como é que ele funcionava. Quando se tem um brinquedo e se quer ver como ele funciona, há sempre a tentação de o abrir e mexer lá dentro, mesmo sabendo que se pode estragar (para além do raspanete¹ que se calhar vamos ouvir). Abrir o dicionário era a mesma coisa: tentar perceber o funcionamento da máquina do medo.

E ali estava escrito, assim:

“Medo: sentimento desagradável que excita em nós aquilo que parece perigoso, ameaçador, sobrenatural.”

10 Não gostei, se calhar porque não percebi. “Excita em nós aquilo que parece perigoso”? Que raio de definição era essa? A máquina continuava a funcionar, sem que eu lhe percebesse o funcionamento.

Depois fui aos sinónimos:

15 “Medo: susto, receio, horror, pavor, cagaço, cobardia, desconfiança, temor, pânico, assombramento...”

A lista era enorme e já me deixava mais satisfeito. Cada palavra daquelas, mesmo que não me explicasse nada, trazia ao menos recordações, sensações fortes. Eu lembrava-me de coisas passadas e, por vezes, até me arrepiava, como se lá estivesse de novo.

20 Portanto o medo é uma sensação forte: fica marcada no corpo e na memória. Aconteceu qualquer coisa e, de cada vez que a recordo, sinto uma tremura pela espinha acima! Isso é medo. Não se consegue muito bem explicar, aliás é por isso que se diz que ele é mais forte do que nós.

Sérgio Godinho, *O pequeno Livro dos Medos* (1996) Portugal

¹ raspanete – repreensão

- Relacione as diferentes atitudes dos narradores face ao medo, em ambos os textos.
- Analise os diferentes tipos de público alvo destes dois textos.
- Compare e contraste a linguagem utilizada nos dois textos.